

ARTIGOS

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Kathleen Benedett Alves Pinto⁷⁵

Resumo: A construção identitária é perpassada por experiências coletivas e individuais, que promovem a construção de um universo simbólico subjetivo e social, enquadradas em padrões e categorias cognitivas. A formação de quadros categorizantes condiciona, também, a diferenciação entre o homem e a mulher, baseados em relações de poder, que se estendem as experiências com o desejo. Refletir sobre as experiências coletivas e individuais, a partir de uma denominação religiosa neopentecostal faz parte do objetivo deste artigo. Como referência para esta reflexão tomaremos como objeto de análise o discurso a cerca da identidade feminina no Ministério da pastora Sarah Sheeva e o Culto das Princesas.

Palavras-chave: Identidade. Neopentecostalismo. Culto das princesas.

NEW RELIGIOUS MOVEMENTS AND THE CONSTRUCTION OF FEMININE IDENTITY

Summary: The construction of identity pervades individual and collectivity experiences, which promote a construction of a social and subjectively universe symbolical, inserted and framed in patterns and cognitive categories. A formation frame of categories also indicates differentiation between man and woman, based in power relationships, which could also extend to the experiences with desire. Reflect about these collective and individual experiences from a religion denominated "neopentecostal", is the purpose of this article. The reference for this reflection and the analysis object is the discursive construction about the feminine at the ministry of Sarah Sheeva at the "culto das princesas".

Keywords: Identity. Neopentecostalismo. "Culto das princesas".

1. Introdução

A identidade é um construto socio-histórico constantemente construído e desconstruído por uma comunidade, através, da sua relação com o mundo e com os outros. Neste processo é gerada uma narrativa subjetiva e reflexiva do grupo de pertencimento e do outro. Mas, ao falarmos da identidade como construto, devemos considerar o indivíduo inserido num contexto social, político, econômico e cultural que lhe fornece os instrumentos necessários para o processo de humanização. O ser biológico constitui-se num ser social, assumindo e incorporando padrões culturais discursivos que

⁷⁵ Graduanda do Curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia.

são classificatórios, normativos e representativos. Esses padrões permitem com que o indivíduo se insira numa coletividade e se adapte as normas e a moral institucionalizadas. A autora Raquel de Paiva Mano (2010), ao fazer uma análise da articulação entre sociedade e religião pauta-se na obra "As formas elementares da vida religiosa", de Durkheim, em que compreende a religiosidade como elemento de adaptação e de criação do sentimento de pertencimento social através da formação institucionalizada da religião, a partir das representações coletivas das experiências. Embora a religião seja apresentada como fenômeno social, ela é em si mesma considerada como elemento intrínseco ao psiquismo humano, pois o homem busca explicações e constrói significações que vão além da consciência, afim de ter um entendimento existencial e um direcionamento de suas ações. Para a autora Raquel de Paiva Mano, "As dimensões espirituais e religiosas são consideradas como principais fatores na constituição psíquica e atuam complexamente na estruturação da experiência humana" (MANO, 2010, p.1).

A busca que o homem promove com o intuito de obter segurança e equilíbrio interno também configura uma forma de se atribuir sentido de si e do mundo de forma plena, o que contribui para a configuração do discurso subjetivo - identitário. Esse discurso se encontra articulado com o desenvolvimento e com as transformações sociais e históricas do pensamento humano, através de conhecimentos acerca das formas do sujeito. Na Antiguidade grega o homem ainda não é situado no meio social enquanto indivíduo, sendo esse condicionado por práticas, hábitos que o inserem numa filosofia de vida calcada na temperança e no controle libidinal. De acordo com Michael Foucault essa virtude constitui uma prática moral do sujeito consigo, onde "[...] o indivíduo deve instaurar uma relação de si para consigo que é do tipo 'dominação-obediência', 'comando-submissão', 'domínio-docilidade'" (FOUCAULT, 1984, p. 66).

A partir do período moderno o indivíduo passa a existir como sujeito autônomo, através da autonomia da consciência calcada na ideologia cartesiana ou mitificação da racionalidade. Racionalidade desvinculada da experiência religiosa. Portanto, com o advento da modernidade ocorre uma valorização da experiência concreta do homem com o meio. Esta relação infere princípios da ciência, que são da experimentação, ao contrário da relação de conhecimento do mundo pelo indivíduo através da reflexão e de construção subjetiva da experiência, oriunda da filosofia grega pré-socrática da fenomenologia, que ressurgiu no séc. XX, diante de um contexto de descentralização do sujeito anteriormente designado *sujeito iluminista*. Neste contexto é fomentado um novo discurso clínico, que marca a superação da metodologia biológica, da anatomoclínica, pela psicanálise, em que há uma reconsideração da subjetividade do indivíduo, afim de compreender a construção do conhecimento humano e do fenômeno (ou seja, daquilo que se apresenta, o aparente) a partir dos

sentidos que são gerados através das experiências subjetivas conscientes, ressignificadas pelo processo de assimilação inconsciente. Tem-se com este novo discurso uma quebra do paradigma identitário, que promove uma descentralização do sujeito do nível consciente para o inconsciente. Diante da análise fenomenológica é que compreende as novas ciências, como a própria psicanálise que retomam a experiência religiosa, que apreendem o fenômeno religioso, de acordo com a autora Raquel de Paiva Mano, "[...] a partir da própria experiência do sujeito, e sendo um fenômeno eminentemente humano" (MANO, 2010, p. 3).

A partir dessa discussão em torno do posicionamento do sujeito nos discursos analisados, é pensada a tarefa da construção identitária, realizada de acordo com do psicólogo social Eduardo Leal Cunha (2009) "[...] como a construção de uma inteligibilidade sobre si mesmo. Inteligibilidade governada pela mesma linguagem, pela mesma racionalidade, portanto, submetida à mesma violência e ao mesmo poder mortífero" (CUNHA, 2009, p. 116-117). Tem-se, portanto, através do discurso uma atribuição intencional do indivíduo, já que esse é construído a partir de seu posicionamento em um determinado contexto de produção, que irá significá-lo não a partir de uma essência intrínseca, mas sim a partir das relações que o indivíduo exerce com o outro e com o meio e que promovem o entendimento de sua localização na vida social. Esse discurso que, portanto parte do contexto em que o indivíduo está inserido, já o revela enquanto um outro ser, que se modifica em consonância com o contexto que esse se realocaliza de acordo com os padrões de significação de um determinado grupo.

A partir do pressuposto de que o indivíduo tem padrões significativos prescritos, que se articulam de forma a desenvolver na subjetividade uma narrativa do eu, e a apreensão desse como fruto, também, de discursos emanados de instituições que se configuram dentro de uma relação de saber-poder com o indivíduo, será analisado o discurso das instituições religiosas e da medicina que nos permitirá analisar a construção identitária.

Embora esses discursos apresentem divergências, um em relação ao outro, como, também, diferenciações internas, ambos exercem na e pela sociedade, de acordo com Michael Foucault (1979), uma apreensão na experiência do sujeito consigo mesmo, perante mecanismos de poder e de produção da verdade sobre o próprio sujeito, onde "[...] afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder" (FOUCAULT, 1979, p. 180). Esses discursos condicionam não apenas o indivíduo, mas também constrói formas diferenciadas, de acordo ou com a classe social, com o gênero ou doutrina religiosa, a experiência com a sexualidade (apreendida tanto na relação sexual, como na formação das relações de parentesco e do casamento), além de criar uma relação hierarquizada, no âmbito micro da sociedade que se

apresenta, também, a partir da relação de gênero.

A palavra sexualidade surge no início do séc. XIX, a partir do desenvolvimento de áreas do conhecimento que tratam do funcionamento fisiológico do corpo humano e dos mecanismos de reprodução que contribuem para a apreensão da importância tanto do organismo sexual do homem, como o da mulher na fecundação. Esse desenvolvimento das ciências naturais e área médica, vão se configurar em novos discursos, que ainda se encontram atrelados aos discursos tradicionais pautados na filosofia. As formações desses discursos, que marcam o distanciamento do discurso religioso, remetem a reconfiguração do entendimento do sujeito como ser autônomo desejante e desejado e, portanto expressa a experiência do sujeito com a sexualidade, que de acordo Michael Foucault (1984, p. 10) "[...] pode muito bem se distinguir, como figura histórica singular, da experiência cristã da carne: mas elas parecem ambas dominadas pelo princípio do 'homem de desejo'".

A partir do desenvolvimento histórico dos discursos em torno de normas, prescrições, ilustradas nas morais dietéticas gregas, que condicionam formas do sujeito de se relacionar com seu corpo e seu desejo, analisarei, primeiramente as construções do corpo, desde os filósofos da Grécia Antiga, e as conseqüentes formas de se tratar a sexualidade da mulher, passando pelo momento de ruptura desses discursos do cristianismo na modernidade, que se dá principalmente com a formação da psicanálise de Freud. A fim de apreender a formação de novos discursos religiosos, presentes no movimento doutrinário pentecostal e sua influência, enquanto discurso religioso marcado pela inserção de uma moral individualizante característico do contexto moderno e pós-moderno, na construção de valores subjetivos que configuram uma nova identidade feminina na doutrina pentecostal.

2. Construindo a identidade da mulher

Através do entendimento da identidade enquanto expressão do eu (expressão utilizada a partir do pensamento freudiano referente as instâncias do psiquismo humano, em que o eu ou o ego designa a parte psíquica configurada a partir das relações de associação e identificação do sujeito com o mundo e com os outros) partiremos da ideia de que o corpo é a expressão materializada do eu, que se apresenta tanto como objeto assim como instrumento de poder.

No decorrer da história encontramos formas diferenciadas de se tratar o corpo. Da Antiguidade até a contemporaneidade o corpo é alvo de interdições. Na Antiguidade, de acordo com Michael Foucault, o corpo era alvo de "práticas de si" pautados num trabalho interno constante, afim de se promover um equilíbrio dos denominados humores, ou seja, dos fluídos vitais, os quais eram preservados através de práticas dietéticas. Essas práticas pautavam-se na ideia da manutenção do

corpo, a partir de hábitos moderados e desvinculados do prazer que transcendiam as necessidades vitais. Portanto, o homem para ser considerado como sujeito de temperança deveria mostrar capaz de controlar seus instintos e desejos imediatos. Esses hábitos moderados estenderam para diversas instâncias da vida dos sujeitos, desde sua alimentação, que deveria corresponder com o clima, até as suas práticas sexuais. Essas práticas remetiam a condutas morais diferenciadas para os homens em relação as mulheres, as quais deveriam reduzir o sexo a função de procriação, afim de se garantir a manutenção da sociedade através tanto de suas atividades econômicas, como políticas através da perpetuação de uma prole "virtuosa". Em relação aos homens não havia nenhuma prescrição moral referente a sua vida sexual, a qual poderia se realizar fora do casamento, pois aos homens as práticas e condutas que lhes eram correspondentes seriam voltadas para reafirmação de seu poder e liberdade. Embora houvesse essas diferenças de comportamento entre os gêneros, as prescrições morais se encontravam vinculadas a formas de experiências e de relações, que de acordo com Foucault comportam,

[...] relações com o corpo, com a questão da saúde e, por trás dessa questão, todo o jogo da vida e da morte; relação com o outro sexo, com a questão da esposa como parceira privilegiada, no jogo entre a instituição familiar e o vínculo que ela cria; relação com seu próprio sexo, com a questão dos parceiros que nele se pode escolher, e o problema do ajustamento entre papéis sociais e sexuais (FOUCAULT, 1984, p. 25).

Essas prescrições que compunham a moral pagã, não se referem a interdições ou concessões normatizadas, embora tivessem um respaldo e importância social, se restringiam ao trabalho individual. O comportamento sexual dos homens livres e de elevado status social compreendia a relação de amor com os rapazes ou a liberdade sexual que restringia a fidelidade conjugal à mulher. Tem-se com o estabelecimento dessas práticas um quadro tanto no âmbito sexual, como social moldado pela relação dominante e o dominado, que configura, também o status referente a cada membro social, em que a mulher, era posta como inferior se posicionando acima dos servos por possuir uma educação espiritual pelo marido. A partir de filósofos e moralistas tem-se a problematização da moral sexual (não institucional) reduzida a uma estratégia de poder, levando a questão da fidelidade conjugal recíproca (princípios que serão encontradas posteriormente em outros discursos da moral).

A moral cristã se diferenciará da moral pagã, tanto por pressupostos a respeito da relação do indivíduo com sua sexualidade, como pela formulação dessa moral a partir de normas, as quais serão pregadas a partir de líderes e instituições religiosas, impostas de forma mais totalizante sobre o indivíduo (ou seja, não se restringindo aos homens livres que buscavam uma conduta estética) que se

encontra diante de sanções. Através da figura da Igreja Cristã e do seguimento do livro de revelação do sagrado, a bíblia, tem-se a orientação da conduta dos agentes sociais, que se inicia no Império Romano e se fortalece enquanto doutrina e fonte da formação da subjetividade, assim como de organização social na Idade Média. A moral cristã é constituída na crença de uma força absoluta que se encontra acima do sujeito provido de pecados, imperfeições, que visa através da suas condutas, práticas morais, calcadas na castidade, no amor ao próximo e no sofrimento garantir sua redenção.

A partir do séc. XVII e XVIII tem-se uma problematização em torno do corpo, a partir de novos discursos em torno da conduta sexual, em que se encontra elementos oriundos das interdições pagãs pautadas na formação de relações desiguais, em que o homem se percebe enquanto sujeito dotado de sexualidade. Estas se encontram vinculadas a experiência sexual, a normalidade e a saúde, que para Foucault realiza uma junção ""prática", e que é aquela que novamente centra as diferentes artes da existência em torno da decifração de si, dos procedimentos de purificação e dos combates contra a concupiscência (FOUCAULT, 1984, p.221). No período do séc. XVIII, há no âmbito religioso uma nova denominação no universo cristão, denominado pentecostalismo (referência a festa religiosa israelita da colheita de grãos, em que busca se reafirmar o poder de Deus), desligado de preceitos do catolicismo tradicional pautado numa prática espiritual mais profunda, proveniente de uma relação individual com o divino, através de revelações, visões, que possui reminiscências no período apostólico na Igreja de Corinto, e que se apresenta ao longo da história com denominações diferenciadas, como os anabatistas na Idade Média, caracterizados por comportamentos de exaltação, de emoção e de transe no contato com o divino. A participação dessa denominação se dá pelo processo de sacralização dos indivíduos, que envolve práticas diferenciadas entre os homens e as mulheres em continuação com os padrões sociais hegemônicos, ou seja, a mulher para ser sacralizada deveria manter suas práticas voltadas para a manutenção da moral familiar e de sua estrutura, composta pela família nuclear, e o homem se sacralizaria a partir do reconhecimento social de sua honra.

A denominação pentecostal, apresenta na modernidade uma adaptação das condições contraditórias, que de acordo com a autora Maria das Dores Campos Machado (1996), se opõe a ideia de desencantamento do mundo de Weber, pois apresenta a busca de uma base existencial, perante as constantes mudanças culturais e sociais, através da experiência religiosa. A escolha de se constituir uma subjetividade através da escolha individual de valores, crenças divergentes a Igreja Católica tradicional, demonstraria, de acordo com Machado "[...] o caráter contraditório do processo de desencantamento do mundo no pensamento weberiano, apresentando a secularização e o reavivamento religioso como tendências duais do mundo contemporâneo [...]" (MACHADO, 1996,

p. 21)

Os preceitos que regem o comportamento dos fieis apresentam uma contenção do corpo, principalmente das mulheres, tanto através da vestimenta como pela contenção dos instintos sexuais. As mulheres são diante desses preceitos as responsáveis por manter a harmonia familiar e conjugal, mesmo diante de situações diversas, como a traição, o alcoolismo por parte do companheiro, pois o propósito dessas deve ser de manter o casamento. Embora haja a pregação de contenção das pulsões sexuais, portanto do corpo das mulheres antes de se casarem, Campos aborda a questão da continuidade do desejo ético orgiástico através da revelação direta com o divino, através do extase apresentado nos rituais da Igreja, pela música, pela dança, pelo canto, pela pregação e “possessão ‘sensual’ imediata de divindade” (MACHADO, 1996, p. 21).

3. A nova identidade feminina e a nova religião

A identidade enquanto construto social é dinâmico e contextual. A formação da identidade feminina reafirma essa dinamização, pois através de adventos como as revoluções burguesas que marcam a modernidade, tem-se a inserção das mulheres em ideais novos propagados por esses adventos, como por exemplo, o princípio de liberdade individual, que gera questionamentos a cerca da subversão da mulher perante o homem. No séc. XX, a mulher passa aderir a novos questionamentos, diante sua inserção no mercado de trabalho, como por exemplo, a luta por melhores condições de trabalho e de assistência, como creches.

O período da modernidade, de acordo com Michael Foucault (1979) é marcado pela disciplina, que através de discursos médicos, religiosos introjetados no indivíduo, apreendido enquanto ser dotado de sexualidade, possui através de novos mecanismos (a ex. do confessionário) discursos sobre a sexualidade circunscrita ainda de tabus. Mas, também se encontra impregnada de poder, em que o superego se evidencia (ou seja, há uma autoreflexão pelo sujeito de suas ações, a partir da classificação da conduta). A sexualidade, portanto, enquanto produto de discursos, principalmente médicos, na modernidade, também é agregado, de acordo com Giddens como “[...] ‘ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder’, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera” (GIDDENS, 1993, p.28).

O discurso a cerca da sexualidade da mulher se encontra, também, atrelado a construção da ideia de amor, o qual passa a ser caracterizado como amor romântico no séc. XVIII. De acordo com Anthony Giddens essa concepção de amor atribui a mulher certas variáveis que lhe caracterizam ,de acordo a criação do lar, das relações entre pais e filhos e a invenção da maternidade. Esses elementos

são apresentados contextualmente pelo autor, é compreensível através de mudanças, como em relação ao domínio do homem sobre a sua "propriedade", marca do patriarcado, referente ao domínio do homem tanto no âmbito público como privado, presente e reforçado na Europa durante o período vitoriano "repressivo" que recai na alteração das relações entre pais e filhos. Sendo também perceptível a partir do séc. XIX, em decorrência da descentralização do "domínio" do homem no processo produtivo pela separação do lar e do local de trabalho. Diante desses elementos conjunturais, Giddens ilustra a relação amor romântico, feminilidade e maternidade que passam a caracterizar o gênero feminino e conseqüentemente sua sexualidade, pois a imagem da mulher como esposa e mãe é reforçada, a qual passa a ser responsável pela preparação emocional dos filhos. Embora essa representação da mulher a limitasse ao interior da esfera doméstica, também promoveu, de acordo com o autor uma autonomia da mulher, por desenvolver novos domínios a cerca da intimidade que passam a ser privatizadas por essa, em que é ressaltado a narrativa idealizada de uma auto-identidade da mulher através de novelas e histórias românticas, que se contrapõe a limitação da domesticidade, através da fuga da vida cotidiana e imposta, em busca de um êxtase.

Através dessa discussão a cerca da sexualidade e das transformações sociais e psicológicas das mulheres a partir da sua inserção na vida pública, além do desnudamento das relações de poder imbricadas na sexualidade em si, decorrentes não apenas pelos movimentos feministas, como, também, pelo novo discurso médico, oriundo da psicanálise de Freud, será estabelecida uma relação com os novos discursos proferidos nas vertentes evangélicas denominadas neopentecostais, ilustrados através da análise das pregações da pastora Sarah Sheeva no blog do Ministério desta.

Sarah Sheeva, filha dos cantores Baby do Brasil e Pepeu Gomes, ao se desvincular da carreira artística secular, após o chamado Ministerial, decide em 2003 ser missionária até 2010, ano que se vincula a Igreja Celular Internacional como pastora aspirante. Em 2011 funda no interior da Igreja o culto denominado Culto das Princesas, que possui princípios voltados principalmente para a castidade da mulher e da santificação dessas enquanto membros do culto. Diante das condutas que direcionam á santificação, pode ser percebido pressupostos presentes no direcionamento do amor entre os Protestantes, que de acordo Giddens é desvinculado do sexo, em que o sentido tanto para o homem como para a mulher passa a ser a da virtude, atrelada também ao discurso do amor enquanto destino cosmológico, que reforça a ideia de idealização do outro. Esses pressupostos são apresentados por conceitos como o de mulher virtuosa pela Sarah Sheeva, em seu blog (www.sarahsheeva.com), que remetem “[...] a restauração de um valor bíblico nos relacionamentos sentimentais, um valor que foi perdido no mundo, o valor da mulher ser cortejada, e do homem cortejar [...]”. A ideia da mulher virtuosa pauta-se na palavra profética, revelada á pastora Sarah Sheeva, que se refere “[...] a todas as

mulheres (de Deus) que estão esperando (em Deus) o seu escolhido, e que estão guardando seu corpo em santidade para o casamento.”, colocadas portanto em posição de espera da atuação divina, a qual sem questionamento deve ser aceita, pois estão passivas a vontade de Deus. A relação entre o amor romântico, que secundariamente está relacionado ao sexo, é também apresentado pelos pressupostos referentes a instituição do casamento, o qual é referido como fato que independe do contrato diante a Igreja, de acordo Sarah Shevva em seu blog (www.sarahsheeva.com),

Sendo assim, a hipocrisia está sendo desmascarada e revelada a todos os que creem nas Sagradas Escrituras, assim como eu creio: que o sexo é algo ESPIRITUAL (além de físico), e que antes de nos preocuparmos com “divórcio”, deveríamos nos preocupar em TER UMA VIDA DE SANTIDADE E PUREZA SEXUAL ANTES DO CASAMENTO.

Embora haja a valorização da castidade pela mulher e a ideia do corpo como alvo a ser punido, ao ser objeto de impureza durante a passagem pela vida terrena, no dia do Juízo Final, a sanção passa a ser menos impositiva, pelo fato de ser mais aceito dentro da comunidade neopentecostal a atividade sexual anterior ao casamento, pois aquilo que faz o membro da comunidade se santificar é esse se desvencilhar do passado e se purificar através da dedicação a vida religiosa. Esse novo posicionamento em relação a castidade é um dos aspectos que apresentam, de acordo Maria das Dores Campos Machado,

[...] uma invejável capacidade de selecionar, ressignificar e incorporar elementos de outras tradições confessionais e da cultura política dos movimentos sociais, o pentecostalismo adquiriu uma plasticidade e um caráter dinâmico que parecem paradoxais ao tradicionalismo que marcou a maior parte da história desse ramo do evangelismo (MACHADO, 2005, p.388).

4. Conclusão

A crescente presença de denominações e Igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais apresentam a maior flexibilização das tradições morais e de costumes, as quais buscam adaptar-se as novas condições sociais. Através das pregações dos pastores que incentivam o empreendedorismo e a igualdade espiritual e consequentemente sexual entre o homem e a mulher, permite com que cada vez mais os indivíduos, principalmente as mulheres de renda e escolaridade baixas se identifiquem com os valores neopentecostais.

É através da própria construção da modernidade da centralização no indivíduo, das

explicações racionais e da própria ideia cada vez mais reforçada na sociedade pós-moderna da fluidez das representações e conseqüentemente da construção da narrativa reflexiva do eu, é que se gera, de acordo com Machado uma tendência “[...] de interiorização ou subjetivação dos atores sociais nas sociedades modernas e pós-modernas” (MACHADO, 2005, p. 388). Essa crescente adesão, principalmente das mulheres reforça o caráter da espiritualidade, de uma atividade individual de auto-reflexão através da experiência com a palavra de Deus, afim de fortalece-las diante as condições de dificuldades, encontradas tanto nas relações intrafamiliares e conjugais como econômicas, visando manter no interior da sociedade pós-moderna a base familiar. O indivíduo passa a ser o responsável pelo equilíbrio e pelo sucesso de seu destino.

A partir da construção autoidentitária da mulher, a partir do fortalecimento espiritual, através do fornecimento de novos direcionamentos desses problemas, acabam lhes possibilitando ter uma autonomização diante do marido e filhos que permite esta apreender certas categorias como o casamento como cerne das relações de poder, que induz a redução da mulher ao âmbito doméstico e a maternidade, e que passam a compor a nova identidade feminina dessas novas denominações pentecostais, se contrapondo aos valores da sociedade masculina hegemônica. Mas arbitrárias com relação as ideias feministas incorporadas pela sociedade e correspondentes com os ideários femininos diante uma sociedade fluida que disponibiliza múltiplas variáveis e possibilidades, que geram um novo mal-estar na sociedade.

5. Referencial bibliográfico

GIDDENS, Anthony. *A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1993.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996.

MANO, Raquel de Paiva. *O sofrimento psíquico grave no contexto da religião protestante Pentecostal e Neopentecostal: Repercussões da Religião na Formação das Crises do Tipo Psicótica*. 2010. 192 f. Tese (Mestrado em Psicologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, 2 : o uso dos prazeres*. Graal, 1979.

CUNHA, Eduardo Leal. *Indivíduo singular e plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 2009.

SARAH SHEVVA. *Ministério Sarah Shevva*. Sarah Shevva Blog Oficial. 2013. Disponível em: < <http://sarahsheeva.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 mar. 2013